

Vol 5 Issue 11 August 2016

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Manichander Thammishetty
Ph.d Research Scholar, Faculty of Education IASE, Osmania University, Hyderabad.

Advisory Board

| | | |
|---|--|--|
| Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka | Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania | Mabel Miao Center for China and Globalization, China |
| Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest | Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco | Ruth Wolf University Walla, Israel |
| Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil | Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA | Jie Hao University of Sydney, Australia |
| Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania | May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA | Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom |
| Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania | Marc Fetscherin Rollins College, USA | Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania |
| | Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China | Ilie Pintea Spiru Haret University, Romania |
| Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran | Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi | Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai |
| Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania | Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur | Sonal Singh Vikram University, Ujjain |
| J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia. | P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P. | Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad |
| George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi | S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.] | Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India. |
| REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran | Anurag Misra DBS College, Kanpur | AR. SARAVANAKUMARALAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN |
| Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur | C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai | V.MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College |
| | Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32 | S.KANNAN Ph.D , Annamalai University |
| | Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.) | Kanwar Dinesh Singh Dept.English, Government Postgraduate College , solan |

More.....



THE INVISIBLE BODIES: THE AMAZÔNIDAS'S WOMEN WORK FORCE AT NOSSA SENHORA DE NAZARÉ COMMUNITY IN PARINTINS CITY, STATE OF AMAZONAS – BRAZIL

Rooney Augusto Vasconcelos Barros¹ and Iraíldes Caldas Torres²

¹Doctor degree student and Researcher in Society and Culture in Amazonia – PPGSCA – UFAM. Degree in History and Expert in Historiography in Amazonia.

²Post doctor degree in Social Anthropology by Université Lumière Lyon 2, France. Professor and Researcher at Federal University of Amazonas– UFAM.

ABSTRACT

This study aims to analyze the social practices of the corporeality of women in two rural communities in the Lower Amazon. The methodology by which we outline in, takes the contribution of qualitative approaches without exclusion of the quantitative aspects, involved review of the literature on gender, embodiment, work and amazonian women, preceded by observations and records in a diary the locus of this study as well, oral accounts in the communities of "Our Lady of Nazareth" and "Harmony" in the city of Parintins, Amazonas, Brazil, with a sample of three (3) women farmers. It is spatiality where the female body practices enable us to understand multiple knowledge of collective action. Seeks to identify the body sociabilities forms woven in the sociocultural process that underlies or intermingle relations and social organizations.

Assumes an effective relationship of belonging purpose and self-control within the corporeality of the practices highlighted at work. Among the multiple aspects noted was evident the fact that women farmers are silenced by science, their bodies of work are invisible making it the subject of little importance in the context of the sociology of work.

KEYWORDS: Corporeality - Work - women - Amazon.

CORPOS INVISÍVEIS: O TRABALHO DAS MULHERES



AMAZÔNICAS NA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ, PARINTINS, AMAZONAS, BRASIL

RESUMO: Neste estudo buscamos analisar as práticas sociais da corporeidade das mulheres em duas comunidades rurais do Baixo Amazonas. A metodologia pela qual nos delineamos, assume o aporte das abordagens qualitativas sem exclusão dos aspectos quantitativos, envolveu revisão da literatura sobre gênero, corporeidade, trabalho e mulheres amazônicas, precedidas de observações e registros em caderno de campo no locus deste estudo, bem como, relatos orais nas comunidades de "Nossa Senhora de Nazaré" e "Harmonia" no Município de Parintins,

no Amazonas, Brasil, junto a uma amostra de 3 (três) mulheres agricultoras. Trata-se de espacialidades onde as práticas corporais do gênero feminino nos possibilitam compreender múltiplos saberes de uma ação coletiva. Busca-se identificar as formas as sociabilidades corporais tecidas no processo sociocultural que subjaz ou que entremeiam as relações e as organizações sociais. Assume uma efetiva relação de pertença o propósito e domínio de si no âmbito da corporeidade das práticas evidenciadas no trabalho. Dentre os múltiplos aspectos constatados ficou patente o fato de as mulheres agricultoras serem silenciadas pela ciência, seus corpos de trabalho são invisibilizados tornando-as sujeito de pouca importância no contexto da sociologia do trabalho.

Palavras-chave: Corporeidade - Trabalho – mulheres - Amazônia

INTRODUÇÃO

Neste texto nos detivemo-nos numa abordagem sobre as práticas sociais de trabalho das mulheres do Amazonas sob as lentes da corporeidade destacando alguns valores socioculturais construídos no decorrer da história. Nosso locus de pesquisa concentrou-se em duas comunidades no meio rural, “Nossa Senhora de Nazaré e Harmonia”, localizadas no marco divisório dos Municípios de Parintins e Barreirinha no Baixo Amazonas.

As atividades das mulheres destes espaços nos remetem aos aspectos simbólicos, uma vez que os conhecimentos destas populações revelam as suas vivências, crenças, ideologias e organização social do trabalho, um complexo de experiências sociabilizadas no decorrer do processo histórico destas populações. Estas são vivências que se dão e ressignificam a vida das mulheres amazônidas, no dizer de Maffesoli (2003, p.58), “conhecimento de si e o reconhecimento do outro”.

Evidenciamos o trabalho das mulheres por percebermos que no decorrer desta pesquisa, as mulheres trabalhadoras desenvolvem uma série de atividades, mas sempre como invisíveis, ou seja, estão diretamente envolvidas nos trabalhos cotidianos e quase sempre à margem da maioria das análises do mundo da Corporeidade e Trabalho.

A metodologia assumiu o aporte das ciências sociais envolvendo revisão da literatura sobre gênero, corporeidade e trabalho, somado à pesquisa de campo realizadas nas duas comunidades, locus de nosso estudo.

Detivemo-nos na Sociologia do Corpo de Le Breton, prosseguimos em leituras sobre a categoria gênero a partir de Torres (2012), e sequencialmente trilhamos os pressupostos metodológicos da História Oral, analisando os relatos dos sujeitos da pesquisa, ouvindo relatos gravados em aparelho gravador de áudio, mas ao mesmo tempo com as anotações em caderno de campo com máquina fotográfica fizemos alguns registros etnográficos. O cotidiano vivenciado pelas mulheres pesquisadas, tais como: as atividades nas quais trabalham, o perfil físico e gestual, as habilidades com o trabalho desenvolvido nos espaços rurais amazônicos.

1. Corporeidade e Trabalho das mulheres Amazônidas

Nas diversas situações as quais as mulheres foram observadas nesta pesquisa, nos detivemos com fatos vivenciados que nos levam a constatar que as mulheres buscam incessantemente se superar no trabalho, é algo que transcende o corpo físico. Maffesoli (2003, p.16) enfatiza, “O feminino, mais exatamente, o “eterno feminino”, esta em osmose natural com esse fluxo vital. É o que lhe assegura, em última instância, a perduração da espécie, face às múltiplas adversidades por que é confrontada”.

Iniciamos com este trecho de um dos relatos de Conceição Pinto (72 anos), uma das mulheres ouvidas nesta pesquisa revela que é moradora de área de várzea e terra firme, que deixa transparecer a

sua posição política enquanto cidadã, a qual demonstra que seja na roça, na cozinha, no escritório ou na academia, todo lugar é lugar de conquista de seu espaço na sociedade, independente de mulher ou homem. Deixa evidente a destreza, a sensibilidade e a perseverança do Corpo do gênero feminino como um elemento a mais para conquistar seu espaço.

Conceição Pinto (72 anos), aprendeu com sua mãe e pai o trabalho nas áreas de várzea e terra firmes, conhecedora das práticas trabalhistas e no seu corpo as marcas deixadas pela sua labuta diária, mas se orgulha de sua vivência no meio Amazônico. Para Torres (2012 p.103),

O trabalho é um fator de efetivo inter-relacionamento com os elementais da natureza terra, rios e floresta, que são centrais na vida dos povos tradicionais. Esses elementais são realidades concretas que alimentam a vida material e espiritual desses povos, que têm, no mundo sensível, o ponto de partida da sua espiritualidade.

Há uma relação que transcende os aspectos físicos no trabalho dos sujeitos moradores e o meio Amazônico, nessa relação de trabalho e conhecimento de seu meio, praticando e vivenciando empiricamente, onde a corporeidade tem subjetividades de entendimento.

Os estudos sobre a Corporeidade sempre foram densas de análises restritas aos aspectos da funcionalidade física, ou seja, da diferença biológica entre os sexos feminino e masculino e em cada lugar a diversidade cultural se encarregou de formular e materializar suas ações com o meio transformando sua ação humana em mecanismos históricos e culturais das sociedades.

No tempo contemporâneo o trabalho das mulheres Amazônicas nos imensos espaços de rios e florestas nos levam nesta análise à reflexão da sociologia e antropologia do corpo, numa perspectiva de compreender os aspectos da violência simbólica de um corpo sobre o outro.

Na historiografia se argumenta a formação e constituição de uma sociedade paternalista, que produziu e instituiu no decorrer da história a marginalização do Gênero feminino, esta forma de pensar norteou normas e valores de condutas consideradas socialmente aceitas por uma espécie de “camisa de força” que se respaldava na clássica abordagem da diferença do corpo sexuado no aspecto biológico e anatomofisiológicos em detrimento das condições e processos culturais subjacentes a cada sociedade.

Podemos compreender que nossa concepção acerca da percepção da cultura que habitualmente vivenciamos, no caso aqui do gênero feminino é influenciada por um discurso dominante, onde os aprendizados das atividades do trabalho se iniciam desde o nascimento e o primeiro contato do corpo com a família e a comunidade pertencente.

Historicamente no meio Amazônico o imaginário construído pela diferença sexual do trabalho se configurou a partir de uma visão hierárquica dos papéis desempenhados nas atividades, para mulheres e para homens, sendo que essa rígida diferenciação vem sofrendo modificações, e as mulheres são inseridas nessa nova dinâmica das atividades trabalhistas.

Novas perspectivas vêm se desenvolvendo e assim novas teorias surgem para dar outra roupagem às formas de pensar a sociedade e seu tempo. O trabalho nestas novas concepções vem deixando de ser somente uma atividade mecânica, pois como bem atesta Wright (1969, p.233), “o trabalho pode ser visto como um mero ganha pão, ou como parte mais significativa da vida interior; pode ser encarado como uma expiação ou como expressão exuberante de si mesmo; como um dever inelutável ou como o desenvolvimento da natureza universal”.

A natureza do trabalho envolve muito mais que ganha pão, está intrínseco às habilidades adquiridas dos sujeitos com o meio, principalmente se tratando de atividades onde os trabalhadores convivem com situações dos fenômenos onde está inserido as práticas tradicionais e os conhecimentos são necessários. De acordo com Arendt (1999, p.101), “aqui, a conexão subjacente entre o homem que

trabalha com a mão e o que trabalha com a cabeça é, mais uma vez, o processo de labor – no último caso, realizado pela cabeça, e no primeiro, por outra parte do corpo”.

A Amazônia comporta mistérios, segredos e fenômenos dominados pelo conhecimento dos moradores dessas redondezas que lhes são frutos de várias gerações, são anos de navegabilidade por esses horizontes que lhes são peculiares. Resta-nos a aproximação ética da academia como ponto chave de novos diálogos e saberes construídos e compartilhados. Acenamos junto com Torres (2012, p.104) para o fato de que “é assim que o trabalho é travejado por relações mais amplas que norteiam a vida na Amazônia. O trabalho aparece imbricado em uma vivência que campeia de forma interativa com o meio ambiente”.

Quando relacionamos a Corporeidade ao Trabalho das mulheres na Amazônia, vamos nos deparar com a discussão da condição humana, numa perspectiva de desenvolvimento do sujeito. Enfim, nesta acepção Torres (2012, p.106), afirma, “é preciso que se crie um conceito de desenvolvimento que venha ao encontro da vida numa inter-relação sociedade/indivíduo/natureza”.

Nessa rede imbricada de elementos que constituem as atividades humanas, o corpo é vetor de sociabilidade, e como bem enfatiza Lê Breton (2006, p.7), “[...] a mediação da corporeidade [...] desenvolve a cada instante e que lhe permite ver, ouvir, saborear, sentir, tocar e, assim, colocar significações precisas no mundo que o cerca”. A partir deste ponto de vista se percebe que o autor enfatiza as atividades perceptivas são essenciais no cotidiano social.

As mulheres participam ativamente das atividades agrícola, como relatou Jacira Pinto (68 anos): “nos aqui na comunidade fazemos a roça, plantamos, capinamos, cercamos com a ajuda dos homens, arrancamos a mandioca, carregamos e finalmente fazemos a farinha e vamos vender na vila ou na cidade” (entrevista, 2016).

Como se lê nos relatos de Jacira (68 anos), a Corporeidade e trabalho do gênero feminino são fenômenos intrínsecos no cotidiano do meio rural, a mesma relata ainda que, “aprendi com minha mãe e meu pai a fazer esse trabalho, nos acostumamos a fazer todo serviço pesado e não é todo homem que topa fazer essas atividades” (entrevista, 2016).

Esta nos revela um comportamento de técnicas corporais quando afirma que: “carregar um peneiro nas costas e arrancar a mandioca, é preciso ser acostumada a fazer isso, não é só força é também jeito e costume”, nestas poucas palavras acaba nos revelando um dos pontos centrais desta pesquisa, ao relacionar as técnicas corporais no aprendizado. Para Mauss (1974, p.407) “O corpo é o primeiro instrumento e o mais natural. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo”.

As trabalhadoras aprenderam suas lidadas diárias a lidar com o objeto de sua produção, mas é sempre fruto de conhecimentos adquiridos com seus pares, é algo aprendido culturalmente, assim, se tornando uma técnica que possibilita a eficácia do trabalho desenvolvido.

O aprendizado e o conhecimento são aliados do processo produtivo, como relata a Conceição Pinto (72 anos): “a força brutal nem sempre é tudo, é preciso conhecer a boa terra para plantar, é necessário saber o tempo certo, o horário adequado, e a maneira correta de enfiar a maniva na terra, enfim é um trabalho de paciência” (entrevista, 2016). O corpo nesse sentido evidencia valores adquiridos como fenômeno da prática social, que produz identificação de determinados grupos que compartilham das mesmas experiências e assim a academia científica vai produzindo novos pontos de vistas da realidade social.

As mulheres inseridas neste contexto não deixam de fazer os serviços domésticos, no entanto suas distintas trajetórias lhes proporcionaram a duras penas certa independência, como relata Rinara Nívea (43 anos): “a vida me ensinou a seguir sozinha conquistando meu espaço, hoje cuido de casa e

trabalho e marido nenhum me põe rédeas, se ele tem direito nós mulheres também temos” (entrevista, 2016). Nos relatos desta entrevistada demonstra que muitas mulheres são gestoras de seu modo de vida, mas há grandes dificuldades de construir seus empreendimentos de vida pessoal.

A história do tempo presente nos revela facetas de mulheres empreendedoras que souberam lidar com os preconceitos, venceram para sair da marginalidade e construíram uma trajetória edificada com dignidade, exemplificando a partir de duras experiências vivenciadas, superando-se e dominando conhecimentos. Enfim, foram anos de lutas políticas das mulheres no mundo do trabalho.

No que tange à marginalização do corpo feminino nas atividades laborais pode-se dizer que se trata de uma condição construída historicamente. Para Lê Breton (2006, p.15-16),

A primeira via de análise, através da situação social dos atores, deduz que não podem escapar à condição física. Nessa concepção o homem é visto como uma emanção do meio social e cultural. Numerosas são as pesquisas sociais que apontam a miséria física e moral das classes trabalhadoras, a insalubridade e a exiguidade das moradias, a vulnerabilidade às doenças, o recurso ao álcool, a prostituição frequentemente inevitável das mulheres, o aspecto miserável dos trabalhadores duramente explorados, a terrível condição das crianças obrigadas a trabalhar desde a mais tenra idade.

Esses dentre outros aspectos caracterizam anos de angústias das trabalhadoras e trabalhadores, que nutriram e inspiraram seus diversos movimentos sociais, foram elementos resultantes a ampliar as reformas visando o desenvolvimento das relações dos trabalhadores. Conforme Torres (2012, p.197),

O trabalho é o elemento fundante do desenvolvimento humano. É por meio dele que homens e mulheres articulam e colocam em movimento seus membros superiores, adquirindo novas faculdades para o raciocínio. É também por meio do trabalho que homens e mulheres constroem as relações sociais e estabelecem a sociedade.

A nossa sociedade busca mostrar as potencialidades do corpo humano nas atividades trabalhistas ou no lazer, descobrindo inúmeras formas e limites do corpo humano. As trabalhadoras estão sempre executando atividades numa relação direta com os elementos da biodiversidade Amazônica, os rios, terras de várzeas, bem como as terra firmes, são fenômenos observados no cotidiano e assim planejam estratégias, avaliando e pensando como trabalhar naquele meio. Assim, no complexo destes espaços, se formulam abstrações subjetivas sobre a ação vivenciada no cotidiano.

Tertulina Reis (86 anos), outra mulher ouvida nesta pesquisa chama a atenção para o fato de que “é preciso que a gente conheça bem o lugar que vivemos e onde trabalhamos inclusive os períodos de cheias e quando dará a vazante, o tempo certo de plantar, colher e o cuidado com as cobras, insetos” (entrevista, 2016).

Nestes relatos acima, se evidencia a necessidade do conhecimento frente ao cuidado de seus corpos, uma vez que os insetos peçonhentos estão nos lugares que somente os moradores conhecem. Enfim, é o “domínio” dos sujeitos sobre a natureza. Merleau-Ponty (2006, p.142) assinala dizendo que,

Ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles. [...] redescobrir-se enquanto experiência, quer dizer, enquanto presença sem distância ao passado, ao mundo, ao corpo e ao outro, no momento mesmo em que ele queria perceber-se como objeto entre os objetos.

O ser consciente de suas ações nas atividades que desenvolvem e deixa transparecer a partir de observações registradas, um relativo conforto de suas ações sobre o ambiente vivido das suas experiências corporais, Merleau-Ponty (2006, p.267), assinala: “[...] em última análise o corpo precisa tornar-se o pensamento ou a intenção que ele nos significa. É ele que mostra, ele que fala [...]”. As

mulheres compartilham trabalhos em conjunto, são os denominados “puxiruns”, onde reúnem as famílias e em determinadas atividades, se torna muito mais que um trabalho em conjunto, discutem os problemas do cotidiano, contam histórias de famílias e amigos, as piadas de situações hilárias, enfim é o aspecto da sociabilidade presente.

Na organização dos puxiruns, as mulheres vêm se transformando em gestoras de atividades trabalhistas nesses espaços, a entrevistada Tertulina Reis (86 anos), afirma: “aqui sou eu que organizo as coisas, os alimentos, o material de trabalho, como terçados, enxadas, mas uma vez ou outra fazemos puxiruns, mesmo assim, acho que eu organizo melhor o trabalho” (entrevista, 2016).

Nesses acordos de trocas de trabalho e ajuda mútua laços de solidariedade e sociabilidade de seus valores, são formas de gestão trabalhistas existentes, segundo a entrevistada, “são trocas de favores que aprendemos com nossos pais e orgulhosamente estamos mantendo”.

Podemos dizer que no progressivo desempenho das tarefas diárias, o fato das mulheres participarem ativamente significa confirmar a visibilidade da construção sociocultural e simbólica do corpo feminino. Nas palavras de Lê Breton (2006, p.25), “As representações do corpo são representações da pessoa [...] os limites, a relação com a natureza ou com os outros [...] O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento [...]”.

É fato que em cada sociedade o corpo na sua relação com o trabalho feminino, se configura com uma determinada conotação, social, cultural e religiosa, enfim, uma complexa relação subjetiva nas formas de pensar os gêneros. Para Le Breton (2006, p.31), “[...] o corpo funciona como se fosse uma fronteira viva para delimitar, em relação aos outros, a soberania da pessoa”. Nesse aspecto o corpo feminino adquire habilidades quando consegue quebrar fronteiras do preconceito e funcionar como uma engrenagem do trabalho no processo produtivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo carrega marcas além dos aspectos concretamente físicos, mas frutos de uma história sociocultural de uma diversidade de significados. As teorias contemporâneas abarcaram esses novos significados e assim, deram fundamentos epistemológicos a novos movimentos, como por exemplo, as feministas que vem lutando para dismantelar as armadilhas ideológicas.

A temática “Trabalho das mulheres Amazônidias Brasil corpos invisíveis”, é uma temática que nos leva a compreender aspectos objetivos e subjetivos das mulheres do meio Amazônico. É um complexo de vida sociocultural singular acerca de espaços vivenciados por pessoas de vida simples, mas com uma riqueza de saberes corporais construídos ao longo de suas trajetórias.

Sem dúvida se confere uma carga de preconceito atribuída às mulheres que buscam conquistar seus espaços, os valores construídos ao longo da história articulam estratégias para cravar seus estereótipos, no entanto está longe de obter sucesso, pois vivemos num tempo que a tirania do corpo sobre o corpo do outro chega ao fim. Assim, centrados na análise de buscar compreender a Corporeidade e trabalho do gênero feminino, consideramos que há um empoderamento feminino numa perspectiva de transformação e altruísmo do modo de vida e trabalho do cotidiano Amazônico.

REFERÊNCIAS

1. ARENDT, Hannah, 1906-1975 .. 9. ed. A condição humana | Hannah Arendt; tradução de Roberto Raposo - 9. ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
2. DA MATA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’. In: NUNES, E. O. (Org.) A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro:

Zahar. 1978.

3.GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1989.

4.LÊ BRETON, David, 1953- A sociologia do corpo / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

5.MAUSS, M. As técnicas corporais. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

6.MEIHY, José; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar – São Paulo: Contexto, 2007.

7.MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

8.MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

9._____. O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

10.MILLS, Wright. O Trabalho. In A Nova classe média (Wright Coller). III parte. Cap. 10. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

11.THOMPSON, E.P. Patrícios e Plebeus. In: Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular e tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

12.TORRES, Iraídes Caldas (Org.). o ethos das mulheres da floresta. / Organização: Iraídes Caldas Torres. - Manaus: Editora Valer / Fapeam, 2012.



Rooney Augusto Vasconcelos Barros

Doctor degree student and Researcher in Society and Culture in Amazonia – PPGSCA – UFAM. Degree in History and Expert in Historiography in Amazonia.



Iraídes Caldas Torres

Post doctor degree in Social Anthropology by Université Lumière Lyon 2, France. Professor and Researcher at Federal University of Amazonas– UFAM.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal

For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra
Contact-9595359435
E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com
Website : www.ror.isrj.org